

O ESTADO DE S. PAULO

— JULIO MESQUITA
1891 - 1927



RUY MESQUITA —
Diretor

2 DE OUTUBRO DE 2011 R\$ 5,00*

ANO 132. Nº 43083 EDIÇÃO DE 0h15

estadão.com.br

DOMINGO

O grito do rock pela liberdade de imprensa

Dinho Ouro Preto revitaliza debate sobre politização dos jovens.

Págs. A14 e A15

FABIO MOTTA/AE

C2+música

Rock in Rio.
Arnaldo Antunes e Erasmo brilham.
Caderno Especial

Classifi

11.572 ofertas
83 páginas

Autos. O mais raivoso dos Lamborghini, Aventador faz de 0 a 100 km/h em 2,9s

Paulistânia

Regina Bittar é a voz brasileira do Google Tradutor.

Pág. C10



HÉLVYD ROMERO/AE

A MULHER QUE PASSA TROTOS SEM QUERER

Regina dá voz ao Google Tradutor, que é usado em brincadeiras no YouTube

Daniel Trielli

Regina Bittar fica sem saber o que dizer quando ouve as barbaridades que ela mesma fala. Ela já foi flagrada passando trotes para pizzarias, brigando com crianças e até xingando, pelo telefone, apresentadores de programas de televisão ao vivo. Mas Regina não é mal-educada. Ela é a voz brasileira do Google Tradutor (translate.google.com.br). Como a ferramenta, que oferece as traduções em som, é completamente editável, as palavras com o timbre de Regina são montadas por qualquer usuário do site. E não demorou muito para todo tipo de brincadeira surgir no YouTube.

“Essa mistura de máquina com voz ativa a imaginação das pessoas. Existe algum fetiche, alguma magia da máquina falar e ter uma voz especial”, diz a locutora, apresentadora e mestre de cerimônias. “Essa coisa da voz vem da época do rádio. É que nem ler um livro. A sua imaginação é que vai fazer o personagem. Se ele é loiro, moreno, alto, baixo... E o áudio também funciona assim.”

Antes de ser a voz do Google Tradutor, Regina, de 49 anos, já era a mulher que avisa qual programa vai passar em seguida no canal Fox. Também é locutora de vários comerciais e deu sua voz a atendentes automáticos de telefone – aqueles que falam qual é o seu saldo bancário ou para aguardar na linha que um funcionário estará disponível em poucos instantes. Isso sem contar as palestras, cerimônias e vídeos corporativos.

Regina conta que os truques da profissão são úteis não só no trabalho, mas em qualquer situação. “Se eu estou em uma reunião de condomínio e quero ter mais força na voz, uso de todos os artifícios. Porque eu sei usar e sei o efeito que causa. Qualquer um faz isso, mas sem perceber e sem o controle. O profissional sabe armar e desarmar”, conta. “Um dia, fui fazer um boletim de ocorrência e estava impaciente. E o cara que estava aten-

dendo na delegacia parecia bravo. Deu um tempo, ele me chamou e eu pensei: ‘bom, vou levar bronca’. Até que ele diz: ‘eu estou vendo aqui que você é locutora. Como é que é? Fala alguma coisa para eu ouvir’... Todo mundo quer uma palhinha.”

Voz à máquina. A ferramenta de tradução não é a primeira máquina para a qual Regina deu sua voz. Ela também participou do Mediz, um serviço lançado em 2001 pela Gradiente. Os usuários de celular do começo da década ligavam para o número, pediam algum tipo de informação e ouviam Regina dizer o horóscopo, a previsão de tempo ou as notícias. “Foi o primeiro contato que tive com esse tipo de coisa, com a voz robotizada, de uma máquina. E as pessoas que ligavam se envolveram bastante no serviço. Teve o caso de uma mulher que ligou desesperada porque o namorado estava apaixonado por outra e ela não sabia o que fazer. Virou uma espécie de CVV (*Centro de Valorização da Vida*).”

Então quando uma empresa europeia fez uma seleção para um trabalho de Text-to-Speech (“texto para voz”, ou na sigla em inglês, TTS), Regina já sabia o que a esperava. Algumas cláusulas de confidencialidade não permitiam que ela diga como foi feita a gravação nem qual é a empresa, mas ela conta que a gravação também foi usada em outros serviços, como GPS. “Essa tecnologia (TTS) já existe há bastante tempo. O grande diferencial é o Google, que a popularizou. Esse usuário comum teve contato com uma tecnologia que, para ele, é novidade.”

A voz de Regina entrou no tradutor no ano passado. Algum tempo depois, surgiram os primeiros vídeos no YouTube. “Faz uns quatro meses que fiquei sabendo das brincadeiras. Fazer o quê? O que cai na rede não dá para saber no que vai dar. Acho que ninguém imaginou que isso ia acontecer.”

A locutora admite que quando descobriu a ferramenta, até ela fez umas brincadeiras. “Às vezes, estou conversando com alguns amigos e um deles pega um laptop e faz minha voz falar algum pala-



Truques. ‘Se eu estou em uma reunião de condomínio e quero ter mais força na voz, uso alguns artifícios’

vão. Já participei de uma reunião em uma produtora e tinha um cara que ninguém gosta. Até que alguém digitou umas palavras e de repente ‘eu’ falo: ‘Fulano de tal, vai tomar no...’.”

O vídeo preferido dela é da criança de 3 anos que briga com a voz do Google que manda ela dormir (www.youtube.com/watch?v=JvKJbtdnzcU). “É tão bonitinha... ‘Está na hora de você dormir’”, imita-se. “Tem gente que pede pizza com a minha voz. Eu acho que se a pessoa que passa o trote paga pela pizza depois, tudo bem.”

‘Caicara’. Regina demorou para ganhar a vida com a voz. Ela não começou a carreira no áudio, mas no texto. No começo dos anos 1980, ela ainda estava em sua cidade natal, Santos. Com pouco menos de 20 anos, trabalhava como contato publicitário na Cinemas de Santos, uma empresa que tinha salas de exibição e uma casa noturna, a Heavy Metal. Isso a levou a ter contato direto com o jornal *A Tribuna* e não demoraria muito para ela ser convidada para fazer uma revista de moda e comportamento, chamada *Nossa Moda*. “Foi a primeira revista colorida de Santos, com papel couchê, uma inovação muito grande.”

Alguns anos depois, o diretor artístico da rádio 89 FM, Sinésio Bernardo, descobriu a vocação de Regina. “Ele dis-

PARA ENTENDER

Máquina ‘aprende’ a traduzir melhor

O português entrou na lista de línguas “faladas” pelo Google Tradutor em maio do ano passado. Nessa época, o serviço ganhou, de uma vez, mais 27 idiomas no Text-to-Speech – hoje são mais de 30. Isso é a metade dos 63 idiomas que o site traduz. Para passar as palavras, frases ou documentos inteiros de uma língua para outra, o Google usa um processo que eles chamam de tradução estatística. Um programa analisa e compara milhões de documentos que já haviam sido traduzidos por pessoas e, por meio dessa leitura, são detectados automaticamente padrões de linguagem. Ou seja, a máquina “aprende” aos poucos a traduzir melhor.

se: ‘Você é locutora, tem um baita timbre’. E me convidou para fazer uma propaganda na rádio, para a Ótica Martins.” O primeiro trabalho de locutora foi tão bom que Bernardo quis fazer a

revista de Regina na rádio, em um programa chamado *Rádio Revista*. “Era uma liberdade muito grande. Eu fazia umas coisas que não sabia que não podia. Ficava lendo poesias, falando umas coisas meio nada a ver. Mas os ouvintes elogiavam! É isso que eu falo: o poder da voz é muito grande.”

Na virada para a década de 1990, o marido engenheiro, Rodolfo, estava cansado de subir e descer a Serra do Mar para trabalhar em Santo André, no ABC paulista. E a família, agora com duas crianças – Rhassan, hoje com 23 anos, e Rhaissa, com 22 –, subiu para a capital. “Não queria vir para São Paulo. Eu era bem baírrista, bem caicara. Meu negócio era praia”, admite. “Mas caí de boca. Me apaixonei pela cidade. Hoje, me sinto uma paulista que vai para Santos de vez em quando, respirar o ar da praia.”

Mesmo assim, ela gosta de morar em um lugar menos cinza da metrópole. A família vive em um prédio antigo, de 52 anos, em um condomínio muito arborizado na Aclimação, região central da capital. Para ela, as árvores e a arquitetura lembram a orla santista. “Esse é o meu cantinho de Santos em São Paulo.” Em um dos cômodos, ela tem a própria cabine de gravação, para que continue dando sua voz a muitas outras máquinas.